

A FILOSOFIA DA PSICANÁLISE E PSICANÁLISE DA FILOSOFIA Discursos entrelaçados

Salomão Santana¹

Resumo: O presente artigo pretende analisar os discursos filosófico e psicanalítico, apontando as possíveis articulações e entrelaçamentos nos dois discursos. Pretendemos demonstrar que o discurso filosófico problematiza a psicanálise e que, por sua vez, a psicanálise promove novas reflexões para a filosofia. Demonstraremos que ambos os discursos se completam e se entrelaçam em suas construções de saberes e práticas discursivas.

Palavras-chave: Filosofia; Psicanálise; Filosofia da Psicanálise.

Abstract: This paper aims to analyse the philosophical and psychoanalytical discourses, showing the possible articulations and entanglements in the two discourses. We will show that the philosophical discourse problematises psychoanalysis and that psychoanalysis in turn promotes new reflections for philosophy. We will show that both discourses complete and entanglements each other in their knowledge constructions and discursive practices.

Keywords: Philosophy; Psychoanalysis; Philosophy of Psychoanalysis.

A psicanálise introduziu um novo tipo de discurso no campo das ciências humanas. Discurso que norteia e subverte a noção de sujeito. É evidente que a psicanálise não brotou do nada. Essa ruptura operada por Freud no pensamento Ocidental tem suas origens nas observações da prática clínica junto àqueles pacientes cujos sintomas escapavam – e ainda escapam, – à compreensão científica; é notório, também, que a obra freudiana é permeada por uma interlocução com a ciência de seu tempo, assim como a biologia, fisiologia, dentre outras. Contudo, também é possível observar as influências filosóficas que a psicanálise sofre e, com efeito, continua sofrendo. É mais que evidente que o discurso filosófico, permeia o pensamento psicanalítico em sua gênese. É possível, no entanto, destacar três aspectos importantes no discurso freudiano sobre a filosofia: primeiro, demarcando o território da psicanálise como um campo científico e não filosófico; segundo, demonstrando que as ciências da psique não se afastaram, na sua época, o suficiente da filosófica que sempre ignorou as questões do inconsciente e, terceiro, a psicanálise não se propõe, como a filosofia, a criar uma visão de mundo. Muitas questões são e podem ser levantadas quanto a esses pontos.

¹ Graduado, Mestre e Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de Sergipe, Pós-Graduação em Psicanálise clínica. Professor da rede particular de ensino médio e superior.

Buscando analisar os pontos de articulação entre os discursos psicanalítico e filosófico, o objetivo central do presente trabalho é entender duas questões, para nós, importantes: O discurso psicanalítico se assemelha ao discurso filosófico? Onde o discurso filosófico se cruza com o discurso psicanalítico? O que faremos aqui é descrever onde os dois discursos se problematizam, formulando outras duas questões cruciais: Quais os problemas levantados pela filosofia no discurso psicanalítico? Quais as questões psicanalíticas levantadas pelo discurso filosófico? O objetivo principal é elucidar as relações dos dois discursos quando esses saberes se tornam compreensíveis e observar o modo pelo qual cada um deles aborda um mesmo problema.

A princípio, o discurso filosófico é o discurso que se inicia como uma forma específica de comunicar a realidade. A base da comunicação filosófica é a surpresa, a dúvida, incerteza, ansiedade, tudo isto gerado pelo sentimento de estranhamento, incomodo diante do mundo. Como resposta a todos esses sentimentos foram criados conceitos e escolas filosóficas, todas elas orientadas pelo objetivo de se comunicar, tentando exprimir-se e fazer-se compreender.

O discurso psicanalítico, por sua vez, é um discurso que visa, através de suas práticas, dar conta dos sintomas de ansiedade, dúvida, incerteza, sintomas que causam sofrimento na existência do sujeito. Assim, a psicanálise tenta dar conta de algo da ordem do sujeito, do mesmo modo que a filosofia. Contudo, algo deve ser dito quanto a esse ponto: A filosofia surge estabelecendo uma relação social com o que existe de universal no homem e seu sofrimento e vivência, por sua vez, a psicanálise pretende dar conta do singular do sujeito.

Em seu *Seminário 17: o avesso da psicanálise*, o psicanalista francês, Jacques Lacan formula a teoria de que existem quatro discursos: o discurso do mestre, o discurso psicanalítico, o discurso histérico e o discurso universitário. Segundo o psicanalista francês, esses discursos são constituídos pela letra que é o elemento, os quadrantes que constituem os lugares, e os operadores lógicos que são as funções. Dessa forma, cada um dos discursos se realiza pelo arranjo específico desses lugares, funções e letras. A partir dessa estrutura discursiva, Lacan afirmará que o inconsciente é o um discurso e o trabalho da prática analítica.

Nessa perspectiva, o discurso do saber filosófico é constituído pela razão e pela consciência, uma vez que o saber psicanalítico é formado pela produção do inconsciente. A partir dessa linha interpretativa, seguiremos ainda afirmando que o discurso filosófico é expresso pelo enunciado das reflexões racionais, que em seu exercício se chega a algumas conclusões e, com efeito, elaborações de outras questões, problemas, que movem a filosofia

desde a sua origem. O que importa para psicanálise não é o enunciado, mas sim o lugar de onde se enuncia um discurso. Essa demarcação é importante para mostrar que a subjetividade é encarada de pontos de vista divergentes: Na filosofia, a subjetividade se expressa a partir do que se enuncia, do que é dito sobre o saber, mas na psicanálise a subjetividade se revela no lugar do enunciador e o do não dito.

É importante salientar que o discurso filosófico engendra o saber dos enunciados científicos, o caminho psicanalítico é o inverso; o discurso analítico é o efeito indireto do discurso da ciência. O saber científico, que corresponde ao discurso universitário, promovendo conhecimentos que deixou de ofertar segurança e conforto, produz um mal-estar e dificuldades do sujeito em lidar com suas questões sociais e individuais em um mundo dominado pelo discurso da razão. Ainda no mesmo *Seminário*, Lacan afirma que há em todo e qualquer discurso uma zona, um ponto de escape, de fuga que permite oferecer sustentação real que permite a cada discurso tal fuga, permitindo que seus efeitos escapem, fujam do controle. Dessa maneira, qualquer forma de expressar o saber ou a formação discursiva, filosófica ou psicanalítica, o que escapa, o que não pode ser dito, revelaria o que existe de mais importante nesse saber, nesse conhecimento.

A filosofia e a psicanálise, ao expressar seus discursos, promovem uma torção do real e isso é o que importa para ambos os saberes. Os saberes nunca revelaram a realidade como ela é de fato, mas as possíveis interpretações dessa realidade. O discurso psicanalítico e o discurso filosófico não dão conta da realidade, mas oferecem um consolo, convocam o sujeito a se posicionar, a ser ativo. Esse algo que escapa à realidade, a filosofia chamará de angústia, aquilo que está na esfera do inaudito, do que não pode ser dito, na psicanálise é aquilo que escapa na fala do sujeito, o que fica na esfera do não dito, onde o sujeito psicanalítico é revelado; em ambos esse momento é causado pela fissura, a fenda do real nos dois discursos, onde o discurso se expressa, onde não existe palavra, não existe linguagem.

O ponto de interlocução entre esses dois saberes é esse: a importância do discurso sem palavras, ali onde o sujeito se revela em sua ampla dimensão, quebrando a sua continuidade com o real e ainda assim sendo interrogado por esse real. Vejo como grande importância, lembrar que a palavra discurso quer dizer descontinuidade. Sendo muito notório associar o conceito discurso ao sussurro de muitas pessoas, falar ao mesmo tempo; ruído de vozes, de falas, ou mesmo falar demoradamente. Contudo, originalmente no latim, é aquilo que está fora de ordem, está fora do curso, é um desregramento. É um dis-curso e diz respeito a uma des-continuidade do real. O real, lá onde há o desconforto, onde o que nos faz sofrer se

instala. Nesse sentido, os dois saberes se confundem em sua proposta discursiva: o que é o discurso? É uma tentativa de afugentar essa descontinuidade.

A filosofia sempre foi condicionada ao seguinte procedimento: enfrentar a questão com base em um ponto de vista conceitual, tornando claro os seus fundamentos e pressupostos. Portanto, os conceitos e as ideias são objetos do filosofar, o inconsciente é o objeto da psicanálise. Formulando uma espécie de hermenêutica das ideias, a investigação filosófica é arremessada ao mundo, nessa perspectiva a filosofia parece estar limitada a um ambiente bastante restrito ao espaço racional e reflexivo. Devemos lembrar nesse ponto que examinar conceitos nada mais é do que examinar e interrogar o próprio pensamento, a forma como ele foi elaborada e as suas perspectivas. Desse modo a prática discursiva do saber filosófico segue um método bem definido: o do retorno do pensamento sobre si, ou, pelo que se costuma designar, exercício de reflexão.

Não é isso que se espera de um paciente na análise? O processo é um caminho feito de buscas, descobertas e reencontro, o qual exige do paciente, desejo de investigar o próprio inconsciente, essa busca exige uma reflexão, uma reflexão da dobra: uma parte do inconsciente que fica sobreposta na fala, se revela e pode ser alcançado pelo paciente com o auxílio do psicanalista. É evidente que a reflexão que se espera na clínica é de outra ordem, mas o movimento é o mesmo: um pensamento que se volta para si e, com efeito, revela-se em seu encurvamento ou flexão, o que estava oculto.

Percebemos que os discursos filosóficos e psicanalíticos possuem suas diferenças evidentes, em um se trata de uma postura diante do conhecimento, posicionar diante do saber e de outros saberes, no outro se trata de um saber clínico, uma prática que se produz diante do divã. Contudo, os dois saberes se tocam, se cruzam, criando perspectivas.

Esses dois discursos também produzem problemas que serão questionados e trabalhados por ambos. Muitas são as questões filosóficas suscitadas pela psicanálise, questões essas que chegam a gerar problemas epistemológicos, buscando, com efeito, pensar a psicanálise a partir da filosofia. Por exemplo: o inconsciente, hoje, já é um conceito caro para o campo filosófico, surgindo assim uma filosofia do inconsciente. Nessa perspectiva, podemos afirmar que a psicanálise já é encarada como objeto da filosofia. Nesse caso, a psicanálise põe diante da filosofia interrogações, e a filosofia impõe questões à psicanálise. Essas contribuições mútuas se renovam e problematizam os dois campos dos saberes, os dois discursos.

Dessa forma, temos uma filosofia da psicanálise, cujo principal objetivo é ressaltar a psicanálise como objeto de interrogação filosófica. Por outro lado, temos a psicanálise

produzindo as suas próprias questões filosóficas, a sua filosofia, da qual a filosofia em sua amplitude se apropria e se ocupa, temos assim uma “via de mão dupla”, os dois discursos se entrelaçando. Temos aqui, dois movimentos: O primeiro movimento que vai do discurso filosófico para a psicanálise: no qual teríamos a psicanálise como objeto de interrogação filosófica. Tratar-se de um filosofar sobre a psicanálise. Este, pode ser entendido ainda no sentido de uma análise interna das teorias psicanalíticas, campo de pesquisa, onde ainda há, com certeza, muito o que fazer, não apenas porque a compreensão do sentido, dos desdobramentos, e das implicações das obras dos grandes teóricos da história da psicanálise, como Freud, Lacan, está longe de ter sido plenamente atingida, como uma produção constante dos conceitos psicanalíticos.

O segundo movimento vai em outra direção; que é a convergência da psicanálise a filosofia ou também pode ser descrito como um filosofar com a psicanálise. Esse modo de relação ou aproximação dos dois discursos ocorre estritamente de duas maneiras distintas: uma, pelo campo de interesse de ambos os discursos e dos problemas levantados pelos dois saberes e outra, pelas correntes de pensamentos típicos da filosofia.

A primeira maneira demonstra que, desde a sua origem, a ciência do inconsciente abraça uma série de áreas de interesse tradicionais da reflexão filosófica, tais como: estética, onde será revelada uma psicanálise do impulso criador, do sentimento estético ou de forma mais controversa, da própria obra de arte, suas manifestações inconscientes. Em outro campo temos a político, como uma análise psicanalítica do poder e das relações de dominação, tais como entender como age o político e suas motivações inconsciente, por que alguns políticos arrebanha multidões, entender com isso, a psicologia das massas.

A psicanálise como uma teoria social: como se debruçar nas bases dos laços sociais e da própria sociabilidade, uma reflexão sobre a repressão, o mal-estar na cultura, no campo da teoria da ação e ética, ação crítica diante do ser social, a psicanálise respondendo perguntas como: Existe ou não existe ação emocional diante de nossas escolhas? Quais são as motivações que estão por traz de nossas relações sociais? A psicanálise no campo da hermenêutica; nesse aspecto a psicanálise se colocando como uma teoria da interpretação e do sentido manifesto no inconsciente. A psicanálise no campo da filosofia da linguagem: estabelecendo as relações entre mente, linguagem, ação e consciência, e dessa forma, com efeito, seguindo por várias esferas do entendimento humano já estabelecidos pelo discurso filosófico.

A segunda maneira ocorre pela aproximação entre a psicanálise e certas correntes de pensamento constituído pelos sistemas filosófico, como a fenomenologia; pelo

compartilhamento de problemas como a percepção, como percebemos as coisas, como o inconsciente se posiciona diante do modo como percebemos e pensamos o mundo. A psicanálise e comportamento ou a filosofia da mente; nesse caso pelo compartilhamento de questões tais como a natureza do mental, da relação da mente com o corpo e com o cérebro. Em todos esses casos, há um movimento de mão dupla, em que a filosofia encontra na psicanálise novos direcionamentos ou redirecionamentos para questões que lhe são próprias, enquanto a psicanálise encontra na filosofia as ferramentas teóricas que lhe permitem maior rigor na elaboração e na reformulação de seus conceitos.

Para finalizar, é possível ainda pensar a psicanálise como um campo que instiga novos problemas, novas questões para filosofia. Configurando o que já foi mencionado aqui; uma filosofia a partir da psicanálise. Estas seriam a modalidade de diálogo, interlocuções, em que as questões propriamente psicanalíticas podem ser assumidas pela filosofia, inaugurando novas linhas de pensamento ou renovando em profundidade estratégias de reflexão já constituídas por ambos os discursos. Um exemplo bastante ilustrativo seria o próprio conceito mais importante da psicanálise, o inconsciente, em suas diversas abordagens.

É bem notório que o inconsciente já era um problema filosófico muito antes de Freud, parece bastante evidente que filosofar sobre o inconsciente hoje, sem levar em conta a psicanálise, seria pelo menos uma grave omissão. O mesmo pode ser dito de questões tais como a própria ideia de razão, o sentido da ação, a liberdade, o sujeito, entre outras, que são todas problematizadas pela psicanálise de uma maneira que rompe, em alguma medida, com a abordagem filosófica tradicional e que podem, por isso mesmo, ser retomadas pela filosofia, para delas extrair, com todo o rigor, o sentido e as consequências da novidade que elas supostamente trazem consigo. Nesse ponto, é possível afirmar que, a psicanálise apareceria, como algo que interroga a filosofia ou como uma motivação para o filosofar constituindo assim uma nova modalidade. Essa terceira modalidade consistiria num movimento que se direciona da psicanálise para a filosofia, completando assim o quadro que se pretendeu aqui traçar dos entrelaçamentos discursivos.

O que pode ser dito a título de conclusão? Várias foram as investidas filosófica contra a psicanálise, o inverso também pode ser constatado; são muitas as críticas vindas da psicanálise para a filosofia desde a crítica ao eu cartesiano, até o consciencialíssimo. Podemos afirmar que a atividade filosófica é contrária a atividade psicanalítica, contudo o discurso psicanalítico conceitualiza novas maneiras de refletir a fim de localizar o que a filosofia não quer pensar, o que na filosofia pode ser impensado e o que já é pensado na psicanálise é pensado com a filosofia. Manter a filosofia longe da psicanálise foi desde o seu início um

desejo de Freud, pois a história da filosofia é uma história da resistência do inconsciente, contudo, Lacan situa Freud em uma tradição paralela a filosofia, uma filosofia das profundezas, como a vista em Nietzsche e Espinosa, Freud é filósofo por que trouxe “emergência na ordem da verdade”.

Do ponto de vista estritamente analítico, o problema das relações entre a psicanálise e a filosofia parece ter encontrado sua solução na teoria lacaniana dos quatro discursos. As consequências da teoria do discurso em relação aos respectivos estatutos da psicanálise e da filosofia. Segundo esse entrelaçamento, essas duas disciplinas são inseparáveis, embora irremediavelmente opostas, no sentido de que representam uma para a outra o melhor sintoma.

A filosofia não é uma ciência, a psicanálise também não, contudo, esta, a psicanálise, segue a ciência. É assim que devemos entender o que Lacan afirmou em seu último seminário em 1977: “Filosofia é tudo o que podemos fazer. Os nós borromeanos também são filosofia. É a filosofia que manuseei da melhor maneira que pude, seguindo a corrente, se assim posso dizer, a corrente que resulta da filosofia de Freud” (LACAN, 1977, p. 49). Temos, enquanto filósofos ou psicanalistas, uma imensa tarefa de repensar a filosofia com a psicanálise e a psicanálise com a filosofia. A filosofia não pode ser concebida hoje sem psicanálise e a psicanálise também não pode ser concebida sem filosofia e exige-a para poder ser justificada como afirmando e pondo em ação o “não da realidade”, porque “a psicanálise é o sintoma para a filosofia, e a filosofia o sintoma para a psicanálise. Temos aí a abertura de novas frentes de perspectivas onde existe um mútuo proveito, os dois campos de saberes se articulam, entrelaçam, onde a filosofia ganha em criatividade e fecundidade, em abertura de novas frentes de reflexão e a psicanálise pode ganhar em rigor, ao beneficiar-se com os resultados conceituais próprios da filosofia.

Referência Bibliografia

FREUD, Sigmund. (1930) “Mal-estar na Civilização”. In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. XXII.

LACAN, Jacques. *Seminário 17 - o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

LACAN, Jacques. *Le Séminaire , Livro XXV, O momento de concluir* , sessão de 20 de dezembro de 1977. Éditions Du Seuil, Paris. Texto não publicado.

LACAN, Jacques. “Subversão do Sujeito”. In: LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.